

As dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar; Patologias ou Intervenções Pedagógicas não adequadas: o Universo do impedimento do não Saber; o ser Aprendente em risco.

1- Prof. Me. Glaciene Januario Hottis Lyra.

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as principais dificuldades das crianças nas séries iniciais no processo de ensino aprendizagem. Visto que este processo de ensino aprendizagem é em sua natureza complexa e permeada por fatores políticos, econômicos, culturais, e sociais. O fracasso escolar nas séries iniciais tem sido algo preocupante e motivo de atenção de muitos estudiosos e profissionais que buscam explicar quais os fatores que tem interferido neste processo, por isso é importante que o professor conheça as manifestações do pensamento infantil, para identificar o estágio que o aluno se encontra e ter uma noção bastante clara do que é uma dificuldade normal, problemático e anormal (ou patológica). O problema de aprendizagem pode ser considerado como um sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, a maneira, a intensidade com que se apresentam, e a duração tornam difícil para o professor diferenciar um problema de aprendizagem de um distúrbio, ficando para um especialista na área a tarefa de diferenciar uma da outra. Para isso analisou-se vários autores e estudiosos do assunto que se preocupam com a importância de um profissional mais qualificado para identificar essas dificuldades. Verifica-se a importância do professor como mediador para ajudar os alunos a terem uma formação eficaz e sadia através do preparo do docente que interagindo juntamente com o psicopedagogo e a família, possam identificar as barreiras no processo ensino-aprendizagem e assim traçarem um plano eficaz para obter sucesso.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Dificuldades. Escola. Família. Interação.

- 1- Pedagoga- Psicanalista- Psicopedagoga Clínica e Hospitalar. Professora da UEMG- Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade Carangola MG, Mestre em Teologia (Educação Comunitária para Infância e Juventude). Coordenadora Pedagógica da Escola Oficina do Saber. Coordenadora de Extensão da UEMG- Unidade Carangola-MG. Escritora, Mãe, Amiga Mulher. Email: hottislyra@gamil.com.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the main difficulties of the children in the series early in the process of teaching and learning. Since this learning process is complex in nature and permeated by political, economic, cultural, and social. School failure in the early grades has been cause for some concern and attention of many scholars and professionals seeking to explain what factors have interfered in this process, so it is important that the teacher knows the manifestations of infantile thinking to identify the stage that the student is and have a very clear notion of what is a normal difficulty, problematic and abnormal (or pathological). The learning problem can be regarded as a symptom in the sense that not learn not configure a permanent, the way, the intensity with which they appear, and duration make it difficult for the teacher to differentiate a learning problem of a disorder, getting an expert in the task to differentiate one from another. For this we analyzed various authors and scholars in the field concerned with the importance of a more qualified professional to identify these difficulties. There is the importance of the teacher as a mediator to help the students to have effective training and healthy by preparing for teachers interacting with the educational psychologist and family, to identify barriers in teaching-learning process and thus chart a plan for effective succeed.

**Keywords:** Learning. Difficulties. School. Family. Interaction.

### **O PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM.**

O termo desenvolvimento é facilmente associado ao aumento de estruturas físicas e orgânicas do indivíduo, porém ele é mais amplo, pois determina o processo ordenado e contínuo que principia com a própria vida e abrange todas as modificações comportamentais físicas e da estimulação variada do ambiente.

Já a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo, abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva, a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais que são amadurecidas por meio da estimulação recebida pelo indivíduo ao longo de sua vida. (JOSÉ e COELHO, 1997 p.11)

O processo de ensino aprendizagem é em sua natureza complexa e permeada por fatores políticos, econômicos, culturais, e sociais. Partindo deste pressuposto, destacam-se algumas categorias fundamentais que são importantes no processo de aprendizagem, como o Empirismo ou Ambientalismo, onde o professor é o centro do processo de aprendizagem, que organiza as informações do meio externo

para serem interligadas pelos alunos, assim estes se tornam apenas receptores de informações. (GUISTA, 1985)

Este modelo de ensino é fechado e acabado onde o conhecimento consiste no acúmulo de informações e fatos isolados, há uma maior preocupação com a forma de ensinar bem para o aluno aprender, pois o conhecimento não está no sujeito, mas nos livros e professores sendo o aluno apenas uma 'tabula rasa' ou recipiente vazio, para despejar os conhecimentos. Este conceito é baseado no positivismo, e teve grande influência no Behaviorismo. (GUISTA, 1985)

De acordo com Costa (2013) surgiu então a Gestalt, neste momento não se fala mais em aprendizagem e sim em percepção que defendia o conhecimento como um resultado de estruturas pré-formadas do indivíduo. O Behaviorismo e a Gestalt estudam o comportamento como objeto da Psicologia. Só que o Behaviorismo estuda o comportamento estímulo-resposta tentando isolar o estímulo que corresponderia a resposta esperada. Já a Gestalt diz que o comportamento estudado de maneira isolada perderá seu significado.

A psicologia genética criou perspectivas de aprofundamento da compreensão sobre o processo de desenvolvimento na construção do conhecimento, mais especificamente, no que diz respeito à compreensão mais sistemática e profunda dos mecanismos pelos quais as crianças constroem representações internas de conhecimento (esquemas mentais). Os conhecimentos, portanto, são construídos através da interação direta da criança com seu meio social, em uma perspectiva psicogenética, trazendo uma enorme contribuição que vai muito além dos grandes estágios de desenvolvimento (GALVÊAS, 2011).

Tal enfoque, segundo o autor, inseriu nas questões pedagógicas aspectos muito relevantes, especialmente no que diz respeito à maneira como se entende as relações entre: desenvolvimento e aprendizagem; a importância da relação interpessoal nesse processo; a relação entre cultura e educação; o papel da ação educativa ajustada às situações de aprendizagem; e finalmente, às características básicas da atividade de construção dos esquemas mentais elaborada pelos alunos em cada diferente estágio de sua escolaridade.

Ao falarmos de aprendizagem não podemos deixar de citar Piaget, Vygotsky e Wallon. Primeiramente temos que observar que Piaget e Vygotsky, apesar de terem algumas diferenças em seus pensamentos, também tiveram muitas coisas em comum, como por exemplo, acreditavam que a criança é um ser ativo, pensante e

atento. Algumas diferenças podem-se citar com relação aos fatores externos e internos, onde Piaget acreditava nos fatores biológicos e Vygotsky no ambiente social em que a criança nasceu.

Segundo Guerra (2002, p. 92):

Vygotsky observa que a psicologia muito deve a Piaget, pois Piaget revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento das crianças, desenvolvendo o método clínico de investigação das ideias infantis, concentrando-se nas características distintivas do pensamento das crianças, naquilo que elas têm, e não naquilo que lhes falta, utilizando uma abordagem positiva, demonstrando que a diferença entre o pensamento infantil e o pensamento adulto era mais qualitativa do que quantitativa.

Vygotsky foi o percussor desta teoria, pois baseou seus estudos sobre a interação social e a informação linguística para a construção do conhecimento. Mesmo não tendo conseguido formular uma concepção estruturada do processo de construção psicológica do nascimento até a idade adulta, Vygotsky nos traz reflexões e dados sobre vários aspectos do desenvolvimento, para Vygotsky citado por Oliveira (1997), desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento, sendo um aspecto necessário e universal para que ocorra o desenvolvimento de funções especificamente humanas, o contato com certos ambientes culturais, são importantes para o despertar de processos internos no indivíduo, sem estes contatos o desenvolvimento não ocorreriam. Pode-se então entender como construtivismo a corrente teórica que se propõe a conhecer o desenvolvimento da inteligência humana e a ela adequar os métodos de ensino.

Vygotsky citado por Cole et al (2007) afirma que a relação entre aprendizado e desenvolvimento do ponto de vista metodológico permanece confusa, todas as concepções correntes da relação a este processo em crianças podem ser reduzidas a três grandes posições teóricas:

A primeira teoria centra-se na suposição de que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado. Assim o aprendizado torna-se um processo simplesmente sem vínculo com o desenvolvimento que não participa ativamente neste e não o modifica em absoluto, a aprendizagem utiliza os resultados do desenvolvimento, em vez de se adiantar ao seu curso e de mudar a sua direção. Um exemplo desta posição são os princípios teóricos extremamente complexos e interessantes de Piaget, que estuda o desenvolvimento do pensamento

da criança de forma pura completamente independente do aprendizado da criança que são extremamente importantes nessa etária.

O movimento Escolanovista é uma corrente pedagógica que teve início na metade do século XX. Foi um movimento renovador para a época, pois questionavam o enfoque pedagógico da escola tradicional presente até então que era centrado na tradição, na cultura intelectual e abstrata, na obediência, na autoridade, no esforço e na concorrência. (LUZURIAGA apud CESÁRIO, 2007)

Maria Montessori médica formada em pedagogia desenvolveu um método onde ela acreditava que a educação era uma conquista da criança, partindo da concepção de que já nascemos com a capacidade de ensinar a nós mesmos, desde que nos seja dado as condições. Seu método parte do concreto para o abstrato. Baseia-se na observação de que as crianças aprendem melhor pela experiência direta da procura e descoberta. Desta forma, conduzir-se-ão ao próprio aprendizado, cabendo ao professor acompanhar o processo e detectar o modo particular de cada um manifestar seu potencial. (CESÁRIO, 2007)

Röhrs (2010, p.77) falando sobre Montessori afirma:

A livre escolha

7.1 Em conformidade com suas preferências, cada criança irá escolhendo, espontaneamente, um ou outro dos objetos já conhecidos, anteriormente apresentados pela mestra. O material está ali exposto; a criança só precisa estender a mão para pegá-lo. Poderá, em seguida, levá-lo e colocá-lo onde quiser: sobre a mesa junto à janela ou num canto escuro, sobre um tapetinho estendido no chão; ou ficar com ele todo o tempo que quiser, repetindo o exercício

Para Galvêas (2011) ainda hoje o método é considerado original no sentido em conferir total liberdade às crianças que, por sua vez, permanecem livres para se movimentarem pela sala de aula e suas próprias atividades, utilizando materiais apropriados, tentando sempre gerar o ambiente favorável à autoeducação.

A manipulação desses materiais em seus aspectos multi-sensorial é, igualmente, um fator fundamental para o aprendizado da linguagem, matemática, ciências e prática de vida. Há alguns princípios fundamentais neste processo, como a atividade, a individualidade e a liberdade com ênfase nos aspectos biológicos, pois, para Montessori como a vida é desenvolvimento, seria função da educação favorecer esse desenvolvimento (GALVÊAS, 2011).

Os estímulos externos formariam o espírito da criança, precisando, portanto, ser determinados. O método Montessori foi influenciado por Rousseau e pelo desejo de adequar a educação às possibilidades das crianças, propõe desenvolver a totalidade da personalidade da criança e não somente suas capacidades intelectuais. Preocupa-se também com as capacidades de iniciativa, de deliberação e de escolhas independentes e com os componentes emocionais. (CESÁRIO, 2001)

Röhrs (2010, p.89) afirma que:

A mente de uma criança certamente não está vazia de conhecimentos nem de ideias quando se inicia a educação dos seus sentidos; mas as imagens mantêm-se confusas, “à beira do abismo”. [...] A criança começa a distinguir as propriedades dos objetos, a quantidade da qualidade; separa o que é forma do que é cor; distingue dimensões, segundo a sua predominância, em objetos compridos ou curtos, grossos e finos, grandes e pequenos. Separa-os em grupos, chamando-os pelo próprio nome: branco, verde, vermelho, azul, amarelo, violeta, preto, alaranjado; marrom, róseo. Distingue a cor em sua intensidade, dominando claro e escuro os seus extremos. O gosto é diferenciado do olfato, a beleza da feiura, os sons dos ruídos. Como aprendeu a pôr “cada coisa em seu lugar” no mundo exterior, assim também pode chegar, graças à educação dos seus sentidos, a estabelecer uma classificação fundamentada sobre essas imagens mentais.

As verdadeiras “características motoras” ligadas à inteligência são a linguagem e a atividade da mão a serviço da inteligência para realizar o trabalho, quando uma criança deseja movimentar-se, ela já sabe antecipadamente o que quer fazer. E sempre quer fazer uma coisa conhecida, isto é, algo que ela já viu alguém fazer. O mesmo se pode dizer em relação ao desenvolvimento da linguagem.

A criança adquire a linguagem que ouve falar ao seu redor e, quando diz uma palavra, é porque a aprendeu ouvindo alguém dizê-la e a conservou presente na sua memória. Contudo, utiliza-a segundo sua própria necessidade e momento que desejar. (RÖHRS, 2010)

O processo de ensino aprendizagem envolve professores e alunos que devem atuar juntos, de forma consciente, com a participação de uma gestão democrática, lembrando que este processo ocorre a todo o momento e em qualquer lugar.

## **A AQUISIÇÃO DA LEITURA ESCRITA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Coll, Marchesi e Palacios (2004 p.73) colocam a escola como agentes sociais educativos que procuram garantir aos alunos o acesso aos conteúdos

culturais, procurando desenvolver pessoas independentes, críticas, com uma boa autoestima, capazes de autocontrole e com habilidades sociais para conviver afetivamente com os outros.

Além disso é na escola que as crianças desenvolvem a linguagem que lhe permitirá comunicar-se, expressar seus sentimentos, explicar suas reações, a dirigir e organizar seu pensamento. Inicialmente, o veículo linguístico será a língua oral, mais tarde, a aprendizagem da leitura e escrita irá ampliar-se enormemente que enriquecerá a própria linguagem oral.

Ainda segundo os autores para muitas pessoas, a linguagem é sinônimo de falar e entender o que os outros dizem, mas a linguagem é mais do que isso, é uma representação interna da realidade construída que utiliza meios de comunicação compartilhado socialmente, a propriedade mais importante da linguagem é seu potencial criativo, pois conhecer uma linguagem permite ao usuário produzir uma infinidade de enunciados, como também para compreender e compreenda qualquer outro usuário dessa linguagem.

Para Vygotsky (2007) a apropriação da escrita é uma questão complexa e demanda discussão. Diante de tal fato, percebe-se a necessidade de recorrer à história da linguagem escrita. De acordo com Vygotsky (1984), a linguagem é todo gesto, desenho, o jogo de faz-de-conta e destaca as relações entre pensamento e linguagem e afirma que a construção de um dos instrumentos culturais mais complexos, constituído a partir das relações sociais, pode ser visualizada, assim, ele enfatiza a necessidade do ensino da linguagem escrita e não apenas da escrita das letras.

Para Vygotsky (1993) o desenvolvimento e a apropriação da escrita não se dão da mesma forma que o desenvolvimento da fala, uma vez que são consideradas habilidades diferentes.

Além disso, a escrita é a simbolização de sons por meio de signos escritos, o que a torna, a princípio, um simbolismo de segunda ordem, e que, gradualmente, transforma-se em simbolismo direto. (VYGOTSKY, 1984)

Nesse sentido, a escrita exige uma ação analítica deliberada da criança; diferentemente da fala, em que ela não tem consciência do som. Na escrita, a criança tem que tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, analisá-la, reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que já devem ter sido apropriados em situações anteriores.

A escrita exige um trabalho consciente porque a sua relação com a fala interior é diferente da relação com a fala oral. Esta última precede a fala interior no decorrer do desenvolvimento, ao passo que a escrita segue a fala interior e pressupõe a sua existência (o ato de escrever implica uma tradução a partir da fala interior). Mas a gramática do pensamento não é igual nos dois casos. Poder-se-ia até mesmo dizer que a sintaxe da fala interior é exatamente oposta à sintaxe da escrita, permanecendo a fala oral numa posição intermediária (VYGOTSKY, 1984. p. 85-86).

Dessa forma, a escrita decorre da fala, e pressupõe a existência da fala interior, pois quando se escreve, coloca-se no papel uma ideia que se mostra como uma ordenação de palavras através do pensamento, que Vygotsky (1984) nomeia de fala interior. Essa passagem da fala interior para a escrita exige, portanto, uma estruturação intencional dos significados pela criança.

O pensamento não é algo acabado, pronto para ser expresso. O pensamento precipita-se, realiza certa função, um certo trabalho. Esse trabalho do pensamento é a transição das sensações de tarefa – através da construção do significado – ao desenvolvimento do próprio pensamento (VYGOTSKY, 1984).

O pensamento e a linguagem são funções diferentes, com raízes genéticas diferentes, porém interligadas. Pensamento e fala se cruzam no pensamento verbal e a unidade é o sentido da palavra. Isso se desenvolve num processo histórico-cultural, ou seja, dois elementos que são o sentido - somatória dos eventos psicológicos que a palavra desperta na consciência; e o significado dicionarizado - uma das zonas do sentido e mais estável. (VYGOTSKY, 1984)

A escrita também exige uma ação analítica deliberada por parte da criança. Na fala a criança mal tem consciência dos sons que emite e está bastante inconsciente das operações mentais que executa. Na escrita ela tem que tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que devem ser estudados e memorizados antes. Da mesma forma deliberada tem que pôr as palavras em uma certa sequência, para que possa formar uma frase (VYGOTSKY, 1983).

A apropriação da escrita deve ser vista como um processo contínuo, de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. Essa se apropria de uma outra forma de organização das experiências e de interação com a sociedade a que pertence.



De acordo com Franchi (1992), a linguagem é um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. A linguagem é um sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade, dado que organiza a realidade como um sistema de referências.

Um dos problemas cognitivos que permeiam o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita é a relação entre o todo e as partes que o constituem. A criança poderá fazer diferentes tipos de correspondência: uma letra para cada parte de uma oração, uma letra para cada sílaba, etc. (FERREIRO, 1987).

As etapas do processo de construção da escrita foram elaboradas de acordo com pesquisas de Ferreiro (2001), da seguinte forma:

**Nível pré-silábico:** no início dessas construções, as tentativas das crianças dão-se no sentido de reprodução dos traços básicos da escrita que elas se deparam no cotidiano. O que vale é a intenção, pois, embora o traçado seja semelhante, cada um lê em seus rabiscos aquilo que quis escrever. Dessa maneira, cada um só pode interpretar a sua própria escrita, e não a dos outros. Nessa fase, a criança elabora a hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto ou ser a que está se referindo.

**Nível silábico:** são construções cuja hipótese central é que para ler coisas diferentes é preciso usar formas diferentes. A criança procura combinar de várias maneiras as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir. Nessa fase, ao tentar escrever, a criança respeita duas exigências básicas: a quantidade de letras, nunca inferior a três, e a variedade entre elas não podem ser repetidas. São feitas construções numa tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a palavra. Surge a chamada hipótese silábica, isto é, cada grafia traçada corresponde a uma sílaba pronunciada, podendo ser usadas letras ou outro tipo de grafia. Há, nesse momento, um conflito entre hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigidas para que a escrita possa ser lida. A criança, nesse nível, trabalhando com a hipótese silábica, precisa usar duas formas gráficas para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro às suas ideias iniciais de que são necessários pelo menos três caracteres. Esse conflito a faz caminhar em seu processo de alfabetização. Ainda nessa fase, a criança representa cada sílaba ou emissão oral por uma única letra, caminhando assim para outra fase.

Nível silábico-alfabético: aqui ocorre a transição da hipótese silábica para a alfabética. O conflito que se estabeleceu entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece faz com que ela procure soluções. Ela, então, começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Nível alfabético: finalmente atinge-se o estágio da escrita alfabética, pela compreensão de que cada um dos caracteres da escrita corresponde valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas sílabas, exigindo portanto, dois movimentos para ser pronunciadas, necessitará mais do que duas letras para ser escrita e a existência de uma regra produtiva que lhes permite, a partir desses elementos simples, formar uma representação de inúmeras sílabas.

Para Coll, Marchesi e Palacios (2004), há um esquema claro da aquisição da linguagem que proporciona um marco de referências para entender as manifestações que algumas crianças apresentam, como o período pré-verbal, a criança manifesta certos estímulos, deste muito cedo, produzem protoconversas, que são diálogos muito primitivos caracterizados por contato ocular, sorrisos, balbucios e alternâncias nas expressões estas condutas são possíveis observar em crianças de 2 meses.

Entre os 4 e 8 meses tais condutas tornam-se mais específicas, permitindo a criança conhecer a estrutura da interação e se antecipe ao adulto, a partir dos 8 meses a criança começa a dar claras amostras de conduta intencional e até chegar aos 12 meses ela deixa de ser apenas um instrumento e adquire uma postura de interlocutor, ela mostra objetos ao adulto com a intenção de compartilhá-los com ele. É portanto nesta fase do pré-verbal que se estabelece as bases da funcionalidade comunicativa de linguagem. Já no período de aquisição da linguagem a criança aprende as normas que regem a comunicação, começa a expressar suas intervenções comunicativas por meio das palavras, durante os primeiros meses este processo é mais lento, mas a partir dos 2 anos converte-se em um dos processos mais fantásticos do desenvolvimento infantil. O vocabulário da criança aumenta mais rápido com isso consegue elaborar mais combinações entre diferentes palavras.

Segundo Oliveira (1997) citando Vygotsky, o processo de aquisição da escrita, se inicia antes do acesso da criança na escola e estende-se por muitos anos. O autor entende que a escrita tem uma função culturalmente mediada, assim a criança

que desenvolve-se numa cultura letrada, tem contatos com diferentes usos da linguagem escrita, tendo assim diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento. Para que a criança compreenda adequadamente o funcionamento da linguagem escrita é necessário que ela descubra que a língua escrita é um sistema de signos que não tem significado em si, sendo assim o que se escreve, tem uma função instrumental, funcionando como um suporte para a memória, bem como transmissão de ideias e conceitos.

Oliveira (1997, p.68-69) destaca:

Dentro do vasto programa de pesquisas do grupo de Vygotsky, Luria foi seu colaborador que desenvolveu o estudo experimental sobre o desenvolvimento da escrita. Solicitava as crianças que não sabiam ler e escrever que memorizassem uma série de sentenças faladas por ele. Propositamente, o número de sentenças era maior do que aquele de que a criança conseguiria lembrar-se. Depois de ficar evidente para a criança sua dificuldade em memorizar todas as sentenças faladas, o experimentador sugeria que ela passasse a "escrever" as sentenças, como ajuda para a memória.

José e Coelho (1997) tem a escrita como uma das formas superiores de linguagem, escrever significa relacionar o signo verbal a um signo gráfico, é portanto planejar esquematicamente a correta colocação das palavras no papel, assim o ato de escrever tem um duplo aspecto que é o mecanismo e a expressão do conteúdo.

A escrita passa por diferentes estágios de desenvolvimento, a evolução gráfica da criança resulta de uma tendência natural, representativa, expressiva, revelando o seu mundo particular, ainda que a evolução do grafismo acontece no ritmo pessoal, há muitas características comuns nas representações gráficas em várias crianças, classificando o desenvolvimento do gráfico em:

Estágio pré-caligráfico, de 5-6 a 8-9 anos, a criança não possui perfeito domínio motor para os traços gráficos; não tem controle na inclinação e dimensão das letras; não faz margens ou apresenta-as de forma desordenada; tem postura errada do tronco, cabeça e braços ao escrever; copia as palavras letra por letra. Estágio caligráfico, de 10 a 12 anos, a criança já domina as dificuldades em pegar e manejar os instrumentos gráficos; apresenta escrita mais rápida e regular [...] Estágio pós-caligráfico, dos 11 anos em diante, modifica a escrita, dada a necessidade de maior rapidez para acompanhar o pensamento e as atividades escolares; tem postura correta. (JOSÉ e COELHO, 1997 p.94)

Os autores definem o processo de leitura como algo abrangente que envolve vários aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos, criando uma relação entre os sons e

os sinais gráficos, e o sucesso deste processo de leitura envolve a identificação dos símbolos impressos, (letra e palavra), do relacionamento dos símbolos gráficos, da compreensão e a análise crítica do que foi lido. A criança ao entrar na escola já possui uma compreensão da palavra falada e expressada adequadamente, para que ao ser alfabetizada ela possa estar apta a desenvolver os estágios da linguagem, que são a compreensão da palavra impressa que é a leitura e a expressão da palavra impressa que é a escrita.

Solé (1998) afirma que os procedimentos de leitura e escrita estão assimilados ao termo Alfabetização que é um processo, através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever, estes procedimentos vão muito além de algumas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita.

### **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

No cenário escolar há muitas expectativas acerca do processo de desenvolvimento das crianças, por parte dos professores, da família, da escola e sociedade.

Muitas crianças aprenderão a ler e escrever sem grandes dificuldades, no entanto outros para obter sucesso precisarão de alguma ajuda especial. O fracasso escolar nas séries iniciais tem sido algo preocupante e motivo de atenção de muitos estudiosos e profissionais que busca explicar tais fatores que tem interferido neste processo.

As dificuldades de aprendizagens são difíceis de defini-las, pois formam um grupo heterogêneo, podem ser categorizadas, como transitórios ou permanentes sendo que podem ocorrer em qualquer momento no processo de ensino aprendizagem e correspondem a déficit funcionais superiores como linguagem, percepção, raciocínio lógico, cognição, atenção e afetividade (BERMEJO & LLERA, 1997, DOCKRELL & Mc SHANNE, 1997, GARCIA, 1998). É comum percebermos que o ato de não aprender tem sido frequentemente associado à figura do aluno problema. (ZUCOLOTO E SISTO, 2012).

Nos alerta Aquino (1997 p.2).

“O aluno problema é tomado, em geral como aquele que padece de certos supostos “distúrbios” psicopedagógico, distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental, e nessa ultima categoria enquadra-

se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de “indisciplinados”. Dessa forma, a disciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois principais obstáculos para o trabalho docente.

Nas escolas nos deparamos muitas vezes com a complexidade de professores diante das dificuldades de aprendizagem, tomadas de uma inevitável sensação de impotência que em alguns momentos se deparam diante de um quadro desanimador.

Andrade (2003, p.15) nos incita a seguinte reflexão:

Qual o significado dos termos aluno com problema ou dificuldade de aprendizagem? São várias as possíveis respostas, varias as possíveis construções de significados acerca dos termos, sem que uma seja mais verdadeira que outra. Assim, não podemos previamente acreditar que alunos são problemas ou que famílias são desajustadas, ou que professores são autoritários. Precisamos ver uns “quebra-cabeças”, as partes e o todo!

O termo dificuldades de aprendizagem tem sido falado, estudado e discutido constantemente nos anos atuais. Assim a escola e pais devem criar parcerias para conseguirem enfrentar o problema sem que um fique apenas atribuindo à culpa ao outro. A criança quando inicia sua vida escolar, ela traz consigo conhecimento obtido de sua convivência familiar e social e a escola lhe mostrará caminhos para desenvolvê-las, portanto o que acontece nessa etapa será decisivo para o resto de sua vida escolar. É nas séries iniciais que a criança terá sua trajetória definida como aluno “problema ou com dificuldades.

A criança nas séries iniciais quando realiza uma atividade, uma pintura, participa oralmente, ela certamente será elogiada, receberá os parabéns, o contrario acontece quando uma criança está desmotivada, com a autoestima baixa, não consegue realizar suas atividades. Todas (escola, professores) logo buscam uma resposta para definir tal comportamento. Neste momento deve ser formada uma equipe com psicopedagogo, coordenação pedagógica, direção escolar, professores e família para analisar as causas destas dificuldades que podem ser de fator orgânico. (GOMES, apud GUERRA, 2002)

Os problemas de aprendizagem podem ocorrer no inicio da vida escolar como durante e surgem em situações diferentes para cada aluno, todo e qualquer problema de aprendizagem sugere um cuidadoso e amplo trabalho, além de uma investigação no campo em que se manifesta, este trabalho envolve a participação do

professor e da família da criança, para fazerem uma análise da situação e levantar informações sobre o que está representando esta dificuldade ou empecilho para que este aluno não aprenda. (JOSÉ E COELHO, 1997)

É importante que o professor conheça as manifestações do pensamento infantil, para identificar o estágio que o aluno se encontra e ter uma noção bastante clara do que é uma dificuldade normal, problemático e anormal (ou patológico). O problema de aprendizagem pode ser considerado como um sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, a maneira a intensidade com que se apresentam, e a duração torna difícil para o professor diferenciar um problema de aprendizagem de um distúrbio, ficando para um especialista na área a tarefa de diferenciar uma da outra (JOSÉ E COELHO, 1997).

Ao professor cabe a tarefa de detectar os problemas que aparecem na sala de aula, e investigar de forma mais ampla as causas, que abrange os fatores orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados á problemas ambientais em que a criança vive. Tal postura facilitará o encaminhamento da criança a um especialista, que além de tratar de dificuldade da criança poderá orientar melhor o professor a lidar com este aluno em salas normais ou, se necessário o encaminhamento para salas especiais para um tratamento adequado da dificuldade detectada.

É importante ressaltar que quando o ato de aprender se apresenta como problemático, é preciso uma avaliação minuciosa, pois o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores. (JOSÉ E COELHO, 1997)

Para Coll, Marchesi e Palacios (2004) as Dificuldades de Aprendizagem (DAs) podem se classificadas como generalizadas, quando afetam quase todas as aprendizagens sendo escolares ou não escolares e como graves quando afetam vários e importantes aspectos do desenvolvimento da pessoa nas áreas motoras, linguísticos e cognitivos que geralmente aparecem como consequência uma lesão ou de um dano cerebral manifesto, observável cuja origem pode ter sido adquirida durante o desenvolvimento embrionário ou acidente após o nascimento, ou ainda fruto de uma má formação genética.

Para os autores, as DAs podem ainda ser qualificadas como permanentes, já que os prognóstico de solução é muito pouco favorável, em outras ocasiões as Das são consideradas como inespecíficas quando não afetam o desenvolvimento de modo a impedirem o acontecimento da aprendizagem, muitas vezes nem se falam delas

como uma DAs, não tendo nenhuma razão intelectual que justifique, nestes casos as causas podem ser instrucional ou ambiental com uma influência especial sobre variáveis pessoais, tais como a motivação, ou seja podem ser evitadas e solucionadas facilmente do ponto de vista da análise técnica psicopedagógica.

As DAs específicas podem afetar de modo específico determinadas aprendizagens escolares como da leitura e da escrita e como leves que não implicam deterioração intelectual, afetam pouco os aspectos psicológicos e suas consequências podem ser solucionadas mediante intervenção psicopedagógica oportuna e eficaz. Ainda podem ser qualificadas como evolutivas porque se estima que sua origem deva a atrasos no desenvolvimento.

Coll, Marchesi e Palacios (2004) classifica as DAs como:

a) Condições intrínsecas da pessoa que apresenta as DAs (por exemplo, a herança, a disfunção cerebral mínima, ou os atrasos maturativos); b) circunstâncias ambientais nas quais se dá o desenvolvimento e /ou aprendizagem (como por exemplo, ambientes familiares e educativos pobres, projetos instrucionais inadequados, etc...); c) uma combinação das anteriores em que as condições pessoais são influenciadas- de forma positiva ou negativa, conforme os casos- pelas circunstâncias ambientais.

Assim é possível situar as diferentes formas de conceber as DAs em um contínuo pessoa-ambiente, conforme se acentuam mais ou menos as variáveis pessoais ou as ambientais na origem da dificuldade. (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004)

Smith e Strick (2012, p.15 ) define as Dificuldades de Aprendizagem como uma gama de problemas que podem afetar qualquer área do conhecimento do indivíduo e que raramente elas são atribuídas a uma única causa, pois aspectos diferentes podem prejudicar o bom funcionamento do cérebro.

As autoras classificam as Dificuldades de Aprendizagem em tipos gerais, e que estas dificuldades ocorrem em combinações com frequência, além de variar na gravidade tornando difícil detectar tais dificuldades, pois são normalmente tão sutis que as crianças não aparentam ter problema algum.

Smith e Strick (2012) ainda acrescenta que as crianças com Dificuldades de Aprendizagem tem em comum o baixo desempenho, na maior parte do tempo estas crianças tem uma capacidade intelectual que funcionam de modo consistente, mas em outros momentos quando lhes são apresentadas algumas tarefas seus cérebros

parecem congelar, assim seu desempenho escolar torna-se inconsistente, em algumas áreas esta a frente de sua turma e em outros momentos esta atrás.

Smith e Strick (2012 p.17) afirmam que:

Embora muitas crianças com dificuldades de aprendizagem sentem-se felizes e bem ajustadas, algumas (até metade delas, de acordo com estudos atuais) desenvolvem problemas emocionais relacionados. Estes estudantes ficam tão frustrados tentando fazer coisas que não conseguem que desistem de aprender e começam a desenvolver estratégias para evitar isso. Eles questionam sua própria inteligência e começam a achar que não podem ser ajudados. Muitos se sentem furiosos e põem pra fora, fisicamente, tal sensação; outros se sentem ansiosos e deprimidos.

De qualquer maneira essas crianças acabam se afastando do convívio social, tornando-se solitárias com baixa autoestima. Nos últimos anos os cientistas tem realizado estudos cada vez mais com técnicas sofisticadas para compreender melhor as causas, realizam pesquisas com cérebros vivos em funcionamento com e sem problemas de aprendizagem durante a leitura e escrita. Embora tais pesquisas estejam produzindo informações sobre as intrincadas estruturas sobre o funcionamento do cérebro humano, não é tão simples, pois o desenvolvimento individual das crianças também e maciçamente influenciada pela família, pela escola e pelo ambiente da comunidade. (SMITH e STRICK 2012, p.20)

Sampaio (2009 apud SISTO, 2004, p.107) coloca que os problemas de aprendizagem podem ser originados em razão de uma metodologia inadequada, privação cultural, método de alfabetização inadequada, falta de planejamento das atividades, má formação docente e falta de conhecimento da realidade cognitiva dos alunos. Assim Sisto baseado em uma pesquisa feita pelo Departamento de Saúde Mental do Texas, traça um perfil dos sujeitos com dificuldades de aprendizagem; como falhas na escola, certa desorientação e deficiências em leitura e linguagem, desenvolvimento social e intelectual inferior ao esperado para a idade, acrescenta ainda que essas crianças vivem em ambientes com regras rígidas, e que geralmente são desajeitadas, desastradas e tem dificuldades de compreender o conceito de tempo.

Moraes (1998) declara que os distúrbios de aprendizagem se manifestam como dificuldade para integrar os elementos simbólicos percebidos na unidade de uma palavra ou uma frase, qualquer que seja o tipo de mecanismo utilizado nessa integração. Essa dificuldade atinge, em diversos graus, a leitura, a escrita, a ortografia,



o cálculo e, geralmente, incidem no diagnóstico de crianças com problemas de adaptação.

Johnson & Myklebust (1987, apud GUERRA, 2002), concluíram que os distúrbios de aprendizagem estão relacionados à linguagem. Então partiram para a descrição dos processos de aprendizagem verbal e não-verbal, que incluem também sensação, percepção, imagem (memória), simbolização e conceituação, com a possibilidade de distúrbios em qualquer nível. Os distúrbios poderiam ser intraneurosensoriais, como no caso do sistema auditivo, ou interneurosensoriais como nas dificuldades de integração entre funções de sistemas diferentes

Para Sampaio (2009) são muitos os distúrbios que a criança com dificuldades apresenta na aprendizagem, os mais citados no meio escolar são o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade), a Dislexia, a Discalculia, Disgrafia e Disortografia.

Iniciaremos falando daquela que hoje é apontado como o mais trabalhoso para se lidar em sala de aula, em casa e em locais públicos devido a inquietação, agitação e dificuldades de concentração que é o TDAH.

O TDAH- Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, é descrito em alguns livros como um possível fator genético, entretanto, ainda não se descobriu o gene responsável por este transtorno. A criança com TDAH tem dificuldades para realizar planejamentos, devido a uma disfunção do lóbulo frontal que, segundo Bossa (2005), é uma área responsável pela realização dos planos e programas das ações humanas e controle do comportamento. Partindo desta informação o professor deve planejar as ações que serão trabalhadas no cotidiano juntas, envolvendo-as em todas as atividades, sempre usando a linguagem, enquanto função reguladora da ação da criança.

Sampaio citando Berk (apud SOLOVIEVA, 2001) assinala que a criança com TDAH não desenvolveram a fala privada ou egocêntrica que surge em torno dos quatro e cinco anos, ela utiliza a fala para realizar suas atividades, e quanto mais complexa a ação, mais surge a fala egocêntrica, a criança ao executar uma tarefa, tende a falar ao mesmo tempo em que a realiza, por volta dos 6 e 7 anos quando se torna interiorizada, a fala virá antes da ação, objetivando o planejamento.

Para Piaget, a fala egocêntrica desaparece por volta dos 6 e 7 anos. Já para Vygotsky tal fala não desaparece, apenas se internaliza possibilitando a criança

a estruturação do espaço mental ao mesmo tempo que se organiza a ação voluntária complexa. (SAMPAIO, 2009 apud VYGOTSKY, 2001)

Sampaio citando Picallo (apud SOLOVIEVA, 2001, p. 49) aduz que o uso da fala egocêntrica de maneira imprópria, ou ainda o pouco desenvolvimento da fala interna nas crianças pré-escolares, ou escolares maiores, constituem um defeito central impedindo o desenvolvimento adequado de todas as funções psicológicas superiores, entre elas a voluntária.

Para Sampaio (2009) as crianças com TDAH falam mais em voz alta, quando jogam sozinhas, mas esta fala particular é imatura caracterizada pela grande quantidade de auto depreciações, relacionadas com o planejamento mais maduro da atividade (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN apud SOLOVIEVA, 1991, p.51). Ela xinga por achar que não consegue, grita, fala coisas que não tem nada a ver com o jogo ou uma outra atividade.

Sampaio citando Berk (apud SOLOVIEVA, 1994, p. 53 ) acredita que pelo fato destas crianças receberem ordens constantemente, castigos, elas tem poucas oportunidades de interagir com os adultos de forma afetiva e pacientemente e de estarem realizando tarefas difíceis de concluírem sozinhas.

Sampaio (2009) coloca que a falta de concentração podem ter varias origens, e não necessariamente ser um TDAH. Ela pode aparecer apenas quando a criança tenha que realizar as tarefas escolares, isto, contudo não representa um Transtorno do Déficit de Atenção, mas pode revelar uma rejeição a aprendizagem e que esta pode esta ligada a uma defasagem cognitiva. Por isso deve investigar com cautela em que situação se encontra.

A autora ainda destaca que o psicopedagogo ao receber uma criança que apresenta as características típicas do TDAH devera realizar uma avaliação completa, incluindo anamnese com os pais, neste momento o psicopedagogo poderá descobrir situações que podem contribuir para que a criança se torne inquieta e agitada como mudanças de cidades e escolas, brigas na família, morte e ate mesmo separações. Diante destas observações o primeiro passo a ser tomado é procurar saber, investigar se a criança apresenta este comportamento em todas as situações do seu cotidiano e se esta acontecendo a pelo menos seis meses. Confirmadas tais questões esta criança será encaminhada ao neurologista para uma avaliação médica.

Sampaio (2009) apud Mattos (2005) informa que o medicamento ritalina não cura o TDHA, apenas ajuda a normalizar os neurotransmissores, que são

substâncias que transmitem informações de uma célula para outra, enquanto esta sendo ingerida e quando interrompida a medicação tudo volta a ser como antes. O autor ainda reafirma que o uso do medicamento deve ser considerado em alguns casos que forem corretamente diagnosticados, tendo critérios muito bem estabelecidos, avaliando se realmente existe uma hiperatividade na criança ou trata-se apenas de falta de limites dos pais como ocorre em alguns casos e que são facilmente confundidas com o TDHA.

Dislexia, este é um distúrbio na leitura que afeta a escrita, normalmente é detectada no momento em que a criança está sendo alfabetizada, período em que ela inicia o processo de leitura, tal problema torna-se visível quando a criança tenta soletrar letras com bastante dificuldades e sem sucesso. O que se espera de uma criança, nesta idade que ela possa identificar as letras, os fonemas, a quantidade de sílabas em uma palavra, para então formar as frases e ler um texto, tais habilidades não se encontram em uma criança com dislexia, se esta criança estiver diante de um educador bem informado, a dislexia poderá ser detectada precocemente, pois a criança disléxica desde pequena já pode apresentar algumas características típicas como a demora em aprender a falar, fazer o laço do sapato, reconhecer as horas, pegar e chutar a bola, além de atrasos na locomoção, na aquisição da linguagem, dificuldades na aprendizagem das letras.

A criança com dislexia tem uma inteligência normal ou, algumas vezes acima da média, sua dificuldade está na identificação dos símbolos gráficos, letras ou números, tendo como seqüela a dificuldade na leitura e escrita, embora alguns tenham dificuldades de se lembrar de fatos ou coisas a fazer. (SAMPAIO, 2009)

Sampaio (2009) citando Condemarin (1989) descreve as principais características do disléxico, como a confusão de letras, sílabas ou palavras que se parecem graficamente, assim troca as letras a -o, e -c, f-t, m -n, v -u, i-j; também a inversão de letras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b/p, b/q, d/p, b/d; ainda apresenta confusão de letras cujos sons são parecidos: d - t, j - x, c - g, m - b. v - f; é comum trocar as sílabas: em/ me, sol /los, las/ sal, par/ pra, es/ se; no momento da leitura pula linha ou volta para a anterior; soletração defeituosa, ler palavra por palavra, sílaba por sílaba, leitura lenta para a idade, ao ler, movem os lábios murmurando.

Além destas pode-se destacar ainda que o disléxico, não consegue se orientar-se no espaço, não distinguindo direita e esquerda, usa sempre os dedos para

contar, muito são capazes de copiar, mas na escrita espontânea mostram severas complicações. É importante destacar que o dislexo demonstra insegurança e baixa autoestima e muitas vezes se recusam a participarem das atividades com medo de mostrar o erro, com isso cria um vínculo negativo com a aprendizagem, podendo ser agressivo até com o professor.

A criança dislexa apresenta dificuldades na consciência fonológica, assim coloca Sampaio (2009) citando Nunes (2003, p.43).

Já existe evidência de que as crianças disléxicas têm dificuldades na construção da consciência fonológica. Elas demonstram maior dificuldade em si tornar conscientes da estrutura fonológica das palavras, mesmo quando comparadas a criança mais jovem com igual desempenho em leitura.

A consciência fonológica ocorre quando a criança consegue perceber que palavras, sílabas e fonemas são unidades identificáveis, assim existindo uma habilidade na criança de perceber os sons do discurso, independentemente do seu significado, afirma-se que existe a consciência fonológica. No momento que a criança esta aprendendo a ler e escrever é normal e comum ela trocar letras como o b por d, p por b, ou mesmo na leitura trocar letras como ao invés de falar a palavra seta, fala esta. Mas para o neurologista Orton (apud NUNES, 2003, p. 21), esta fase é passageira, mas em crianças dislexas ela tende a persistir. (SAMPAIO, 2009, p.111).

A dislexia tem base neurológica, trata-se de uma doença do sistema nervoso, tendo como causa uma incidência no fator genético, transmitido por um gene de uma pequena ramificação do cromossomo # 6, que pode ser dominante, tornando a dislexia hereditária, repetindo-se na mesma família.

Sampaio (2009) traz informações sobre uma pesquisa que comprova a dislexia como hereditária.

Bertil Hallgren (1950) realizou um estudo de 270 disléxicos comparando-o com um grupo de controle. Graças a seu estudo chegou á conclusão de que a dislexia devia-se a um fator hereditário resultante de um gene manobrido dominante autossômico com manifestação praticamente completa. O estudo de Hallgren demonstrou que em 80% dos casos havia problemas de leitura em um ou mais dos membros da família. (CONDEMARIN, 1989, p. 30)

O professor poderá realizar algumas atividades para ajudar a criança a perceber o som das palavras, trabalhando com rimas, identificando algumas palavras

iniciadas com determinada letra, fazer cartões com desenhos de palavras que rimam trabalhar com músicas e poesias que rimam são algumas formas do professor ajudar.

A autora ainda apresenta alguns pontos importantes para o tratamento da dislexia que deve ser feito por um especialista, ou alguém que tenha noções de ajuda ao dislexo, que deve ser individual e frequente; durante o tratamento o material utilizado deve ser interessante e estimulador. No momento que utilizar os jogos aplicar também aqueles que tenham letras e palavras.

Deve-se reforçar a aprendizagem visual com o uso de letras em alto relevo, em diferentes cores e texturas, é interessante a criança fazer contorno das letras com os dedos, caixa de área, usar tintas para diferenciar as formas das letras; nos momentos de leitura procurar livros atrativos e de simples leitura.

O tratamento psicológico normalmente não é recomendado, apenas nos casos mais graves com complicações emocionais.

Já a Discalculia é um transtorno de aprendizagem que acarreta dificuldades em matemática, este transtorno não é consequência de uma deficiência mental nem por déficits visuais ou auditivos, o portador da Discalculia comete diversos erros na solução dos problemas verbais, nas habilidades de contagem e na compreensão dos números.

A Discalculia segundo Kocs (apud GARCIA, 1998) citado por Sampaio (2009) pode ser classificada em seis subtipos, podendo ocorrer em combinações diferentes e com outros transtornos.

Discalculia Verbal – é a dificuldade para nomear as quantidades matemáticas, os números, os termos e os símbolos.

Discalculia Practognóstica - é a dificuldade para enumerar, comparar e manipular objetos reais ou em imagens, matematicamente.

Discalculia Léxica – dificuldades na leitura de símbolos matemáticos.

Discalculia Gráfica – dificuldade na escrita de símbolos matemáticos.

Discalculia Ideognóstica – é uma dificuldade para fazer operações mentais e na compreensão de conceitos matemáticos.

Discalculia Operacional - dificuldade na execução de operações e cálculos numéricos.

A criança com discalculia é incapaz de sequenciar números: quem vem antes do 12, quem vem depois do 16 (antecessor e sucessor), não consegue classificar números, não compreende os sinais das quatro operações +, -, x, :, para

montar as operações e não consegue lembrar da sequência de passos para realização de operações matemáticas.

No consultório o psicopedagogo poderá trabalhar com jogos diversos, identificar a idade cognitiva em que a criança se encontra, como os jogos pega vareta, damas, xadrez, resta-um, dominó, baralhos e matrizes lógicas e todo jogo que possibilite trabalhar com números e raciocínio lógico.

A autora traz ainda a Disgrafia que é quando a criança ao escrever tenta lembrar-se da grafia da letra e escrevendo muito lentamente apresenta letra feia com garranchos, unindo inadequadamente as letras de forma ilegível. As crianças com disgrafia apresentam ainda, uma Disortografia, quando amontoam letras para esconder os erros ortográficos. O digráfico apresenta algumas características como; lentidão na escrita, letra ilegível, escrita desorganizada, traços muito fortes chegando a marcar o papel, muita desorganização na folha de escrita, as letras em geral são escritas no sentido contrário, além da escrita em espelho.

A criança com disgrafia escreve as letras no sentido horário, ao invés do anti-horário como as letras a, o, d; os números são escritos de baixo para cima, além da desorganização das formas e tamanhos das letras ora muito pequenas ora muito grandes e palavras alongada ou comprida.

O tratamento para a disgrafia requer estimulação linguística global e atendimento psicopedagógico; os pais e professores devem evitar repreender a criança valorizar suas pequenas conquistas além de conscientizá-lo de seu problema e ajudando-lhe de forma positiva.

E a Disortografia que é quando a criança faz confusão com letras, sílabas e trocas ortográficas já conhecidas e trabalhadas pelo professor, trata-se de um distúrbio da escrita, na qual podemos encontrar inversões, omissões, desordem na estrutura da frase. Quando uma criança é privada de receber um ensino de qualidade com uma metodologia satisfatória, esta poderá apresentar a Disortografia, que pode ser corrigível a partir do momento que tiver um acompanhamento adequado.

As principais características são; troca de letras que se parecem sonoramente como, faca/ vaca, chinelo/ jinele, porta/ borta, além de confusão de sílabas, omissões como; cadeira/ cadera, prato/ pato; ou ainda inversões como pipoca por picoca e junções de palavras como, por exemplo: no diaseguinte, saireimaistarde. (SAMPAIO, 2009).

Sampaio (2009) faz algumas orientações para os professores estimular mais a memória visual da criança com o uso de quadros com letras do alfabeto, números e famílias silábicas; não exigir que a criança escreva vinte trinta vezes a mesma palavra para tentar corrigir um erro pois de nada adiantara; evitar reprimir a criança mas sim orientar e auxiliar positivamente e acima de tudo valorizar sempre as conquistas da criança.

Coll, Marchesi e Palacios (2004) destacam ainda os problemas de causa emocionais que podem afetar o desenvolvimento da criança, os problemas afetivos são muitos frequentes na infância. Geralmente os problemas emocionais manifestam-se na escola como forma de ansiedade ou de angustia, acompanhadas por manifestações de choro, tristeza, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse, dificuldades de concentração e mudanças no rendimento escolar. A gravidade destes problemas é variável podendo ser originadas de psicoses infantis como de manifestações de situações conjunturais de estresse familiar, escolar ou social.

Enquanto as dificuldades emocionais se expressam muitas vezes, por sintomas bem específicos como tiques, terrores noturno, enurese e sucção do polegar. Tais dificuldades não estão relacionadas ao funcionamento escolar, embora seja necessário oferecer ajuda específica para evitar a ansiedade da criança não dando margens a dificuldades de relação com os colegas ou de adaptação do ambiente escolar.

Os autores colocam ainda os problemas de conduta que revelam atitudes como agressões, o roubo, a mentira e o vandalismo transmitindo para a escola uma certa resistência para querer frequentá-la, com isso ocorrem as agressões verbais aos colegas, a rejeição ao professor, o vandalismo com destruição ou roubos e as chamadas condutas explosivas na sala de aula criando dificuldades concretas a sua própria aprendizagem gerando uma indisciplina na sala que causa grande preocupação nos professores, que na maioria das vezes são incapazes de resolver.

### **O PROFESSOR, A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM**

Coll, Marchesi e Palacios (2004) coloca a importância da intervenção específica e individual por parte dos professores com crianças com dificuldades de aprendizagem para superação no contexto escolar, tais intervenções devem ser

coordenadas o mais estreitamente possível nos ambientes familiar e escolar, já que é nestes ambientes que as crianças passam maior parte do seu tempo.

Não se trata de converter pais e professores em terapeutas, mais de aproveitar os ambientes mais naturais e espontâneos que favoreçam e estimule a aprendizagem.

Para os autores uma boa alternativa para trabalhar os problemas de aprendizagem é comunicar-se mais e melhor; há vários fatores que podem influenciar na aprendizagem da criança, como foram citadas anteriormente, a maior parte, esta fora do controle dos educadores, mas os educadores devem procurar incidir sobre as variáveis que estão efetivamente sob o seu controle.

Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.88) trazem algumas orientações básicas para o trabalho dos educadores, como ao planejar e aplicar a aula o professor devera partir dos interesses, das experiências e das competências da criança, adaptando o conhecimento a sua experiência e habilidades comunicativas e linguísticas ajustando os diferentes elementos da linguagem aos conhecimentos prévios e as suas possibilidades compreensivas. Esta pratica não se trata de empobrecer ou limitar o estímulo linguístico que a criança recebe, mas torna-lo mais acessível procurando favorecer sua aprendizagem.

O professor deve evitar corrigir ou mesmo pedir a criança que repita suas produções erradas, pois esta atitude pode aumentar na criança a sensação de fracasso inibindo ainda mais suas iniciativas de comunicação, é muito importante que a criança tenha um tempo apropriado para se expressar, como descrever experiências, fazer perguntas, expressar sentimentos, dar informações, fazer julgamentos, isto ajudara no desenvolvimento de sua autoestima e de sua segurança pessoal.

O professor devera ainda utilizar todos os meios que podem facilitar a compreensão da mensagem e o bom estabelecimento da interação comunicativa como os gestos e as expressões faciais e corporais, levar em conta ainda que as crianças com dificuldades de linguagem podem sentir-se inseguras em situações em que haja um grande componente de discussão oral, leitura e escrita assim é necessário o uso de recursos visuais como gráficos, desenhos, vídeos, figuras para representar melhor o que esta sendo tratado.

Os jogos proporcionam um contexto muito rico para o uso da linguagem, então deve ser aproveitado pelo professor em diversas situações da sua pratica. Outro



ponto muito importante no desenvolvimento das crianças é a participação da família que devem ser informadas sobre o trabalho que a escola esta desenvolvendo com seus filhos, para poder apoiá-lo melhor.

O trabalho dos professores em sala de aula com alunos desmotivados é bastante complicado principalmente quando o aluno já se instalou uma rejeição da atividade escolar, neste caso é quase impossível se ter êxito, pois o trabalho isolado do professor, que enfrenta tal atitude negativa dos alunos, devem ser trabalhadas em todas as aulas e em todos os períodos, para prevenção da desmotivação, e uma pratica de ensino mais motivadora, para conseguir que os alunos confirmem algum sentido ás suas aprendizagens e se sintam motivados, para isto o professor precisa ensinar bem.

Assim o educador deverá ensinar a pensar, onde seus alunos devem entender o significado das atividades escolares, facilitar que o aluno compreenda o quê e o para quê da tarefa, assim como os critérios de avaliação; o aluno precisa saber o que o professor espera dele diante de cada tarefa proposta, deve favorecer a participação e a autonomia dos alunos, dando-lhe a oportunidade de participar de sua vida escolar.

O aluno precisa de atividades que seja de seu interesse, assim o professor deve propor tarefas que sejam interessantes e adaptadas as suas capacidades, é importante também que as atividades sejam feitas de forma cooperativa permitindo uma interação social possibilitando que seus colegas o ajudem a entender melhor a tarefa e despertar algum interesse em relação a ela, pois quando um aluno consegue desenvolver bem uma tarefa e recebe o reconhecimento do seu trabalho abre-se um novo caminho para uma maior dedicação por que quando um aluno percebe que o professor confia nele, as chances de desenvolvimento aumenta. (COLL, MARCHESI e PALACIOS 2004).

Segundo Fonseca (1995, p. 131):

A noção de motivação está também intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a atividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender é necessário estar-se motivado e interessado. A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo.

É papel do professor proporcionar e promover uma aprendizagem significativa, através de suas intervenções pedagógicas, pois a motivação é muito

importante em todo o processo de ensino/aprendizagem, por que quando a criança se sentir segura tem mais liberdade ao buscar soluções para o seu processo de adquirir conhecimento.

O professor tem que ser o mediador da aprendizagem, pois ele tem um papel muito importante e fundamental no crescimento da criança, mediando e propondo situações que sejam positivas para uma boa qualidade de ensino. Uma pessoa não consegue aprender sem o outro, é necessário que exista a socialização e o professor é essencial neste processo através de sua postura ética e observadora.

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre fornecendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que garantam o encontro do aluno com as matérias de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino. (LIBÂNEO, 2008)

Libâneo (2008) coloca que o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas.

Sampaio (2009) acrescenta que o professor-mediador é que dará as coordenadas para que as descobertas aconteçam na vida escolar destas crianças, a melhor maneira para orientar seus alunos esta em suas mãos, de modo que possam fazer deste conhecimento algo prazeroso e significativo para toda suas vidas.

A construção do conhecimento acontece quando é formado um vínculo positivo com o sujeito aprendiz e vice-versa, assim o aluno pode transformar este conhecimento, diferentemente ocorrera se o professor falar uma palavra, uma frase ou mesmo um gesto de critica negativas diante de alguma produção do sujeito será o suficiente para este iniciar um processo de introversão e medo de errar, de se mostrar.

Segundo Antunes (2008, p. 23):

Um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma e, dessa forma, quando a esse espaço se restringe faz do mesmo um elo estimulador de desafios, interrogações, proposições e ideias que seus alunos, em outros espaços, buscarão. Uma aula de verdade não se confina à sala de aula e os saberes na mesma, provocados representam desafios para

que os alunos os contextualizem na vida que vivem. Professores adoram salas de aula, pois, confinados em espaço restrito, não contam com a crítica de quem analisa sua repetitiva conduta.

É indispensável que o professor esteja disponível ao diálogo, e com esta abertura poder mediar e guiar o aluno para um caminho de respeito, liberdade, conhecimento. A realidade de cada aluno pode ser um tema para discussão em sala de aula, mostrando os problemas de sua comunidade, comparando com outra e buscando até mesmo soluções para os problemas enfrentados por eles. Porque “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p. 154).

É importante também que a observação da criança em época escolar não seja vista como vaga e imprecisa é necessário que a escola reúna dados dos alunos desde a sua entrada até sua saída de instituição, o registro das observações compõe um relato que acompanha a vida da criança mostrando sua evolução, os problemas que surgem na vida escolar.

São várias as razões pelas quais o professor deve observar seus alunos como, identificar os problemas de saúde que estão afetando seu desenvolvimento e conseqüentemente seu rendimento escolar, todas as ocasiões são favoráveis a observação na escola por parte dos gestores e professores, o momento o intervalo, a criança na sala de aula, enquanto desenvolve suas atividades, quando brinca, esta em grupo ou sozinha, pois em todos estes momentos as crianças apresentam suas necessidades e seus desejos que são manifestados através de seu comportamento. (JOSÉ e COELHO, 1997)

Segundo José e Coelho (1997) o papel da escola esta sendo modificado, pois a família tem delegado suas funções educacionais a escola, com isso a escola passa a desempenhar um duplo papel social ela é transmissora de cultura e transformadora das estruturas sociais, adequando seu trabalho as necessidades da criança e também da família e da comunidade.

A família também é responsável por esse processo e deve assumir seu papel, assim como o estado. Conforme a Constituição Federal Art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Segundo Furtado e Borges (2007, p.10-11) os pais e os irmãos constituem o ambiente social e emocional para desenvolver uma conduta afetiva positiva por meio da interação. Uma relação positiva com os demais permite que a criança satisfaça suas necessidades e consiga um controle para encarar seus sentimentos e aceitar os demais. A família é o primeiro contato social que a criança tem. É com a mãe que ela aprenderá a confiar, a ter amor. Por isso é essencial a forma como a família direciona a criança. Suas crenças, seus valores sua visão de vida já é internalizado dentro de casa, no convívio com os pais e os irmãos.

Já Abreu (2000, 2001, p.18) nos chama atenção para o papel do professor.

A atuação do professor que busca apoiar efetivamente seus alunos exige uma atividade de acolhimento, tanto nos aspectos estritamente didáticos quando nos de relação interpessoal. [...] esse acolhimento do campo da didática – para propor e apoiar seus alunos nas situações de aprendizagens relativas às áreas de conhecimento escolar – e também de conhecimento sobre mecanismo sociológicos, culturais e psicológicos que estão envolvidos no “desejo de saber e na decisão de aprender” para subsidiar a reflexão sobre as representações pessoais que faz dos alunos e a forma que se relaciona com eles.

O professor precisa pesquisar, buscar meios para desenvolver nos alunos o interesse e motivação nos momentos de leitura e escrita, não ver a escrita apenas como cópia, mais como uma prática significativa para a criança em desenvolvimento.

A leitura permite a criança explorar um mundo de possibilidades, e o caminho para o mundo da escrita, através dela podemos entrar em outras dimensões, atribuir sentidos, questionar a realidade com uma postura crítica. O ato de ler é um processo abrangente e muito complexo, envolve a compreensão em sua capacidade de interagir com o outro, a leitura é, basicamente, o ato de perceber, e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influencias de um determinado contexto. Esse processo leva o individuo a uma compreensão particular da realidade. (SOUZA , 1992)

De acordo com Silva (2006), o ato de ensinar exige que o professor possua o conhecimento básico do conteúdo que se propõe a ensinar sem autoritarismo, mas com sabedoria, sem o dogmatismo que é o próprio retrocesso da educação. Ensinar exige do professor uma postura de respeito com seus alunos, seus saberes e experiências que trazem de casa e, a partir dessas experiências, discutir e refletir sobre a verdadeira realidade desses, o professor é um sujeito mediador do processo

de aprendizagem, contextualizador de sua prática de ensino, instigador e provocador dos estímulos da alegria de aprender.

Sendo assim, todo o trabalho que o professor desenvolve no cotidiano da sala de aula demonstra algum saber pedagógico possuído por ele, ou adquirido em sua formação inicial ou em torno de seu espaço de trabalho: a escola. Este último representa boa parte de conhecimento que vai se consolidando com a prática em seu cotidiano (SILVA, 2006, p. 30).

O professor alfabetizador constrói suas práticas a partir do que está sendo discutido no meio acadêmico e partindo deste processo considera o que será pertinente aplicar em sua sala de aula. As práticas de alfabetização são constituídas de um conjunto de ações que envolvem procedimentos rotineiros e inovadores, o 'saber fazer' do professor, assim as mudanças didáticas e pedagógicas e resultam na construção de modelos para a prática docente ao enfrentar situações de conflitos. (BRASIL, 2012)

Os professores estão a todo momento, refletindo sobre suas ações, desta forma não podem ser vistos como participantes passivos do processo de ensino, eles desempenham um papel ativo e reflexivo na formulação de objetivos e metodologias. Assim a escola torna-se um espaço de produção de saberes, de escolha didáticas e pedagógicas que permeiam a escolha dos instrumentos de trabalho pedagógico, cabendo aos professores estabelecerem os critérios de organização, seleção, aplicação e distribuição das atividades na sua rotina diária, como no atendimento diferenciado à criança.

Jose e Coelho (1997) nos adverte que é fundamental o papel do professor juntamente com a família, o acompanhamento de crianças com problemas de leitura e escrita, ajudando a criança na sua reeducação. O professor ainda precisa ter certeza do tipo de dificuldades que seu aluno enfrenta, evitando rótulos e distinguindo seus comportamentos como oriundos de vários aspectos como o emocional, o afetivo e o cognitivo, assim além do acompanhamento com especialista o aluno terá ainda um atendimento individualizado e de forma participativa das aulas de acordo com seus limites.

As autoras colocam ainda que o ponto crucial para a resolução dos problemas de aprendizagem fica restrito à relação professor-aluno. Elas apresentam ainda alguns passos a serem seguidos por professores para ajudar as crianças com dislexia.

A criança normalmente já tem conhecimento prévio de seus problemas, porém não sabe quais são nem o porque. Uma explicação ajudará a compreensão de si mesma. Como já tinha sido rotulado como 'mau aluno', agora vem a oportunidade para a criança vencer. Ela tem de compreender isto. Algumas vezes ele não está disposto a fazer suas lições. Existem outras maneiras de ensinar sem usar lápis e papel. Os jogos, por exemplo, podem ajudar. Seja versátil em relação às necessidades da criança. (JOSÉ E COELHO, 1997)

Neste processo é indispensável a participação e orientação do psicopedagogo, não se pode jogar toda a responsabilidade do processo de ensino/aprendizagem somente ao professor, mas o educador também não pode se isolar do processo de ensino/aprendizagem, é comum, na literatura, os professores serem acusados de si isentarem de sua culpa e responsabilizar o aluno ou sua família pelos problemas de aprendizagem. É necessário lembrar-se da importância de se mudar os métodos, quando não está dando certo. Neste momento o professor precisa da ajuda do psicopedagogo, para direcioná-lo na melhor metodologia a ser utilizada. (BOSSA, 2000, p.14)

Segundo Ferreira (2008, p.141):

A Psicopedagogia é a abordagem que investiga e compreende o processo de aprendizagem e a relação que o sujeito aprendente estabelece com a mesma, considerando a interação dos aspectos sociais, culturais e familiares. O psicopedagogo articula contribuições de áreas como a Psicologia, Pedagogia e Medicina, entre outras, com o objetivo de por à disposição do indivíduo a construção do seu conhecimento e a retomada do seu processo de aprendizagem. E, ainda, busca possibilitar o florescimento de novas necessidades, de modo a provocar o desejo de aprender e não somente uma melhora no rendimento escolar.

Coll, Marchesi e Palacios (2004) apresentam importantes colocações da prática do psicopedagogo que dedicam parte de seu tempo estudando e analisando as possíveis dificuldades educativas reveladas pelas crianças, por que nelas se fundamentam as decisões que serão tomadas voltadas à prevenção e se for o caso, à solução das possíveis dificuldades dos alunos e ainda buscar as melhores condições para o seu desenvolvimento.

Assim a avaliação psicopedagógica deve prestar informações claras para orientar a direção da escola sobre as mudanças que deverão ser feitas para o adequado desenvolvimento dos alunos bem como a melhoria da instituição escolar. Tanto o indivíduo como a família e a escola convertem-se nos âmbitos próprios de avaliação, é interessante conhecer as condições pessoais do aluno e as experiências

que lhe são proporcionadas em casa e na escola, com adultos e companheiros do ambiente escolar, porque o trabalho diário e a colaboração de todos os profissionais envolvidos permitirão avançar na direção adequada.

Por outro lado a escola e família compartilhando o interesse em comum de fazer sempre o bem e de ajudar a criança o máximo possível tentam educa-lo, embora para alguns trata-se apenas de um filho e para o professor apenas de um aluno, destes casos uma boa e verdadeira colaboração em nível de igualdade passando por um respeito mútuo, requer um nível de confiança. Os pais devem confiar no profissionalismo dos professores, não de forma cega, mas mediante a informação, a comparação de pontos de vista e o dialogo em torno de temas de seus interesses.

Já os professores devem respeitar sempre os diferentes tipos de pais, ainda que não coincida com o seu ideal de como deve ser a família, podem ser validos para a criança. A afirmação de uma legitima colaboração só será possível por meio de uma constante negociação, é preciso reconhecer a enorme diversidade existente entre as famílias de crianças com dificuldades, desta forma não se deve propor um único modelo de relação.

Por exemplo, o que para alguns pais podem ser uma grande ajuda como as tarefas para serem desenvolvidas em casa, para outros seria uma sobrecarga. A escola então precisa ser sensível á situação particular de cada família, para não se tornar mais uma fonte de estresse. (COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004)

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este trabalho conclui-se que a criança com Dificuldade de Aprendizagem (DAS) precisa de mais apoio, mais atenção e observação e o professor é quem vai mediar à aprendizagem e as interações com outros colegas. Não basta apenas estar à frente, na sala de aula, falando e fazendo com que os alunos engulam as informações e não possam debater e expor as suas opiniões, ansiedades e dúvidas. O verdadeiro professor é aquele que motiva o aluno a procurar informações e ser pesquisador em constante aprendizagem.

A criança que vive num ambiente estimulador vai construindo prazerosamente seu conhecimento do mundo. Quando a escrita faz parte de seu universo cultural também constrói conhecimento sobre a escrita e a leitura. Ler é conhecer. Quando mais tarde ela aprender a ler a palavra, já enriquecida por tantas leituras anteriores, apropria-se de mais um instrumento de conhecimento do mundo.

Algumas questões pedagógicas de aspectos muito relevantes, especialmente no que diz respeito à maneira como se entende as relações entre: desenvolvimento e aprendizagem; a importância da relação interpessoal nesse processo; a relação entre cultura e educação; o papel da ação educativa ajustada às situações de aprendizagem; e finalmente, às características básicas da atividade de construção dos esquemas mentais elaborada pelos alunos em todos os diferentes estágios de sua escolaridade devem ser levadas em consideração.

Observamos que este processo ocorre de maneira diferente em crianças com Dificuldades de Aprendizagem, onde o seu desenvolvimento cognitivo e intelectual sofrem alterações devido a algumas dificuldades que podem ter diversas causas como foi destacado no decorrer deste trabalho.

As DAS quando não são tratadas adequadamente podem comprometer a vida escolar da criança. A família é essencial no sentido de identificar o que está ocasionando a dificuldade, principalmente os pais, pois os mesmos podem e devem ajudar o professor a auxiliar o aluno, juntamente com um profissional, o psicopedagogo, que irão procurar estratégias que possam direcionar o aluno para uma aprendizagem eficaz e de qualidade.

O psicopedagogo, profissional preparado, tem o papel de direcionar o professor e a família para uma postura de ajuda. Procurando identificar a melhor forma de solucionar o problema e procurando criar estratégias que irão ajudar o aluno a se posicionar de uma forma positiva perante a aprendizagem.

A criança com dificuldade, precisa se sentir segura no ambiente em que ocorre a aprendizagem, pois assim ela terá uma maior confiança em se expressar, o aluno precisa de atividades que sejam de seu interesse, assim o professor deve propor tarefas que sejam interessantes e adaptadas as suas capacidades, é importante também que as atividades sejam feitas de forma cooperativa permitindo uma interação social possibilitando que seus colegas o ajudem a entender melhor a tarefa e despertar algum interesse em relação a ela, pois quando um aluno consegue desenvolver bem uma tarefa e recebe o reconhecimento do seu trabalho abre-se um novo caminho para uma maior dedicação por que quando um aluno percebe que o professor confia nele, as chances de desenvolvimento aumenta.

Enfim, o aluno não é uma atabua rasa, mas um ser que já vem com experiências e conhecimentos obtidos do seu convívio familiar onde desenvolve suas



primeiras experiências sociais e que podem ser acrescidos com as informações de outros alunos.

Não cabe somente ao professor ficar em sala de aula, à frente, em um patamar maior, como se fosse o detentor de todo o saber, mas como um mediador e facilitador de uma aprendizagem que favoreça a todos, e ser, principalmente, um observador para saber identificar aqueles que precisam de mais atenção, de um acompanhamento específico.

Um verdadeiro docente é o que se entrega a profissão, com amor e dedicação para que a nossa educação possa se transformar e ser vista como algo positivo e saudável para as nossas crianças.

## REFERÊNCIAS:

ABREU, Ana Rosa. Acolhimento: uma condição para a aprendizagem. **Pátio**, Porto Alegre, n. 15, p. 17-21, nov. 2000, jan 2001. Artmed, 2005.

ANDRADE, E. G. C. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistematicamente. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas V. 7. N. 2 p.171-178, dez 2003.

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AQUINO, Júlio Grappa. **ERRO e fracasso na escola alternativa e práticas**. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1997.

COSTA, Virginia Silva da. **BEHAVIORISMO, GESTALT E PSICANÁLISE**.2013. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/behaviorismo-gestalt-e-psicanalise/> Acesso em: nov. 2013.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de Aprendizagem**: o que são e como tratá-las. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BRASIL. Constituição Federal do Brasil. Brasília,1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa**: reflexões sobre a prática do professor no ciclo de alfabetização, progressão e continuidade das aprendizagens para a construção do conhecimento por todas as crianças. Brasília: MEC, SEB 2012.

BRITO, Marlon Santos de Oliveira. **Estágios ou períodos de desenvolvimento definidos por Piaget**. 2013. Disponível em: <http://professormarlonoliveira.blogspot.com.br/2013/08/os-estagios-ou-periodos-de.html>. acesso em out. 2013. Acesso em: 10/2013.

CESÁRIO, Priscila Menarin. **Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori?** Uma análise a partir de suas obras educacionais. Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas. São Carlos, 2007.

COLL, C. S. Entrevista a Faoze Chibli. **Revista Educação**, São Paulo, ano 7, n. 78, out. 2003.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Duas Visões Psicopedagógicas sobre o Fracasso Escolar. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, nº 77, São Paulo: ABP. 2008. Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/77.pdf>> Acesso em 18 de out. 2013.

FERREIRO, Emília. **Reflexão sobre a alfabetização**. 24ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, Vítor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FRANCHI, E. **A redação na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro; BORGES, Marizinha Coqueiro. **Módulo: Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.(Educação e conhecimento). 134 p.

GALVÊAS, Elias Celso. **As Principais Correntes da Pedagogia**. Saber Digital. 2011. Disponível em <http://www.saber-digital.net/artigo/as-principais-correntes-da-pedagogia>. Acesso em: nov 2013.

GOMES, Ivone Alvino de Barros. **Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais**. Monografia (pós-graduação em psicopedagogia clínico-institucional) – Escola Superior Aberta do Brasil. Brasília 2010.

GUERRA, Leila Boni. **A criança com Dificuldades de Aprendizagem: Considerações sobre a teoria modos de fazer**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

GUISTA, A da S. **Concepção de aprendizagem e práticas pedagógicas**. Edu. Ver. Belo Horizonte, v. 1, 1985.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.

- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Coleção magistério, série formação do professor. São Paulo: Cortez, 2008.
- MORAES, Zilca Rossetto de. Distúrbios de Aprendizagem. In: GOLDFELD, Márcia. **Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- MUNARI, Alberto. **Jean Piaget**. Recife: Massangana, 2010.
- OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Massangana, 2010.
- ROSSLER, J. H. Construtivismo e alienação: as origens do poder de atração do ideário construtivista. In: DUARTE, N. (Org.). **Sobre o construtivismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- SILVA, Dener Luiz da. **Do gesto ao símbolo**: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. Artigo, 2007, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a10n30.pdf> > Acesso em 29 set 2013.
- SILVA, Rosana Cristina Ferreira. **A dialética do prazer na profissão docente**. Dissertação (Mestrado em Educação defendida em 28/fev/2006). Três Corações: UNINCOR –2006.
- SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA, Renata Janqueira de. **Narrativas Infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992, p. 22.
- YVYGYTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. COLE, Michael et al(org.). 7ª Ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- YVYGYTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.